

Provinha Brasil

O que é? Por quê? Para quê?

Janine Lauschner*

Rosângela Coelho Da Cruz**

Resumo

Na pesquisa, realizou-se uma análise de como os professores alfabetizadores se apropriam dos resultados da Provinha Brasil na sua prática cotidiana, considerando-se que essa avaliação pode ser ou não uma ferramenta para avaliar o nível de alfabetização dos alunos do segundo ano do ensino básico. Nesse contexto, pretende-se, neste trabalho, verificar a importância da realização da Provinha Brasil, percebendo a influência dos seus resultados no replanejamento das ações pedagógicas da escola. Para tanto, buscou-se contextualizar a avaliação nas diferentes tendências pedagógicas, a fim de compreender sua finalidade e se se constitui como um instrumento, um processo, da formação discente e docente. Visando a compreender os objetivos, importância e finalidades da Provinha Brasil, pesquisou-se além dos documentos do Ministério da Educação, gestores, professores e responsáveis pela Secretaria de Educação Municipal e Estadual do município de Xanxerê. Este trabalho faz parte de uma pesquisa que se insere no campo de estudos sobre as práticas avaliativas do processo de alfabetização nas séries iniciais do ensino fundamental. Ele busca trazer dados sobre os impactos das avaliações externas, como a Provinha Brasil, no desenvolvimento das práticas do ensino das habilidades de leitura e escrita nas escolas públicas. Por meio da pesquisa qualitativa, o trabalho desenvolveu-se por meio de entrevistas com os professores alfabetizadores e gestores de escolas das redes municipal e estadual do município de Xanxerê; buscou-se coletar informações relacionadas às condições de aplicação da avaliação e o trabalho com os resultados obtidos com a aplicação desse instrumento. Com base nas leituras e entrevistas realizadas, percebeu-se que a aplicação das avaliações é uma política que ganha cada vez mais espaço para a avaliação não somente do desempenho do aluno mas também do trabalho do professor, o que tem trazido repercussões para a prática em sala de aula dos professores alfabetizadores.

Palavras-chave: Alfabetização. Avaliação. Processo educativo. Provinha Brasil. Tendências pedagógicas.

1 PROVINHA BRASIL O QUE É? POR QUÊ? PARA QUÊ?

Ao se falar de avaliação, é possível que ainda nos suscite a imagem de um processo tormentoso em que seremos expostos em nossas fragilidades e, posteriormente, punidos por elas. No entanto, entende-se o processo de avaliação como um instrumento de formação, que além de possibilitar ao aluno, aprender ao ser avaliado, pode subsidiar o professor no processo de elaboração e reelaboração do trabalho pedagógico.

* Pedagoga; Auxiliar-Administrativo I, exercendo a função de secretária de coordenação dos Cursos de Educação a Distância da Universidade do Oeste de Santa Catarina; tutora presencial do Curso de Informática – Licenciatura; janinelauschner@gmail.com

** Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo; professora celetista da Universidade do Oeste de Santa Catarina, Campus de Xanxerê; Pedagoga/Orientadora Educacional do IFSC, Campus Xanxerê, tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: trabalho pedagógico, formação de professores, didática e filosofia da educação; rosangelapadilhaa@hotmail.com

Nesse contexto, deseja-se, neste trabalho, verificar a importância da realização da Provinha Brasil, percebendo a influência dos seus resultados no replanejamento das ações pedagógicas da escola. Para tanto, buscou-se contextualizar a avaliação nas diferentes tendências pedagógicas, a fim de compreender sua finalidade e se se constitui como um processo ou não, contínuo da formação discente e docente. Visando a compreender os objetivos, importância e finalidades da Provinha Brasil, pesquisou-se, além dos documentos do Ministério da Educação, gestores, professores e responsáveis pela Secretaria de Educação Municipal e Estadual do município de Xanxerê.

Sabe-se que avaliação envolve vários elementos do processo educativo, entre eles prova, nota, aprovação e reprovação, e quando se prioriza esses fatores em detrimento do processo, não se consegue qualificar, ou seja, muitas vezes, a avaliação não é considerada como um processo contínuo que visa a um diagnóstico. Desse modo, torna-se necessário retomar os conceitos de avaliação nas diferentes tendências pedagógicas a fim de compreender tais definições e suas incursões na organização do trabalho pedagógico.

A tendência tradicional teve forte influência na história da educação brasileira e talvez ainda vigente em vários setores da sociedade, que consideram a educação um fator básico de transformação social. Entende-se que esta tendência está desvinculada da situação político-social, pois olham o profissional da educação exclusivamente como um especialista de conteúdo, um transmissor de conhecimento, sem preocupação com a contextualização histórica, política e social.

Nesta tendência, a avaliação visava à exatidão do conteúdo comunicado em sala de aula, ficando, assim, evidente a quantidade de informações reproduzidas. Mizukami (1986) afirma que “[...] daí a consideração de provas, exames, chamadas orais, exercícios, etc.” Assim, as notas obtidas funcionavam como aquisição do patrimônio cultural da sociedade.

Já a partir do fim do século XIX, são formuladas críticas à perspectiva tradicional, originando-se outra teoria da educação. Segundo Saviani (2000, p. 7), “[...] esta teoria mantinha a crença no poder da escola e em sua função de equalização social.” Com esperança de corrigir os defeitos da marginalidade por meio da escola, surge a Escola Nova.

Tal movimento tem como ponto de partida a Escola Tradicional já implantada segundo as diretrizes consubstanciadas na teoria da educação que ficou conhecida como pedagogia tradicional. A pedagogia nova começa, pois, por efetuar a crítica da pedagogia tradicional, esboçando uma nova maneira de interpretar a educação e ensaiando implantá-la, primeiro, através de experiências restritas; depois, advogando sua generalização no âmbito dos sistemas escolares (SAVIANI, 2000, p. 7).

Pretende-se traçar uma pedagogia que tenha um tratamento diferencial, em que as diferenças individuais são expressamente consideradas. Assim, a educação servirá para corrigir a marginalidade à medida que cumprir a função de ajustar os indivíduos à sociedade.

Nessa tendência a escola respeitava a criança tal qual é, possibilitando a autonomia do aluno, pois o subjetivo deve ser considerado. Desse modo, o que era valorizado era a autoavaliação. Para Mizukami (1986), “[...] só o indivíduo pode conhecer realmente a sua experiência, esta só pode ser julgada a partir de critérios internos do organismo.” Compreendemos então, que o aluno deve assumir responsabilidades pelas formas de controle de sua aprendizagem, assim definindo os critérios de avaliação, considerando até onde seus objetivos vão e como estes estão sendo atingidos.

Já no final da década de 1960, pensou-se então em um novo modo de desenvolver o processo educativo, sendo este a tendência tecnicista. Aqui há uma supervalorização do fazer, ou seja, téc-

nico. Agora o objetivo está voltado para o “aprender por si próprio”, pois as informações lhes são impostas, não possibilitando que o aluno se expresse, o importante é o fazer.

Assim, a avaliação aparece como um instrumento de resposta do professor, ou seja, o professor impõe todas as informações sobre determinado tema e ao final realiza a avaliação para constatar se o aluno aprendeu e atingiu os objetivos propostos. Segundo Mizukami (1986), “[...] a avaliação surge como parte integrante das próprias condições para a ocorrência da aprendizagem.”

No início dos anos 1980, os educadores brasileiros têm uma necessidade de superar a teoria da escola enquanto ideológica do Estado e a teoria dualista; a partir de então, iniciou a tendência histórico-crítica.

Esta teoria expõe pressupostos filosóficos, a proposta pedagógico-metodológica e o significado político, procurando caracterizar a especificidade da prática educativa como um resultado do processo educativo que consiste nos diferentes tipos de saber, enquanto elementos que os indivíduos da espécie humana necessitam assimilar para que se tornem humanos, pois o homem não se faz homem naturalmente, segundo Saviani (2000), “[...] ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir.”

Dessa maneira, a avaliação deve ser do processo educativo, e não parte do processo que enfatiza apenas os resultados. Deve consistir na autoavaliação ou avaliação mútua e permanente da prática educativa por professores e alunos. Para Mizukami (1986), “[...] no processo de avaliação proposto, tanto os alunos como os professores saberão quais suas dificuldades, quais seus progressos.”

Reconhecendo o conceito e o modo de avaliar nas diferentes tendências pedagógicas, compreende-se então que é indispensável avaliar toda a atividade humana e, portanto, ela está presente em qualquer proposta de educação. A avaliação é essencial e imprescindível durante todo o processo educativo, possibilitando que se realize em um constante trabalho de ação-reflexão-ação. “[...] educar é fazer ato de sujeito, é problematizar o mundo em que vivemos para superar as contradições, comprometendo-se com esse mundo para recriá-lo constantemente.” (GADOTTI apud RABELO, 1998, p. 11).

Enquanto educadores precisamos fazer com que nossa prática educacional esteja consciente e preocupada com a promoção da transformação social, tendo clareza sobre nossas ações e que estas reflitam decisões cada vez mais implícitas sobre o nosso fazer pedagógico. “[...] assim, avaliar não pode ser um ato mecânico nem mecanizado para que possamos contribuir para a construção de competências técnicas e sócio-política-culturais.” (RABELO, 1998, p. 11).

Percebe-se que hoje o termo avaliação é angustiante para professores e estressante para alunos. Mas o que se pode destacar nesse momento é que o sistema escolar gira em torno desse processo de avaliação e que professores e alunos se organizam em razão dele. Pergunta-se, se todo e qualquer contexto envolve avaliação, por que na escola ele não é aceito como um instrumento de aprendizado e crescimento? “[...] Por isso a verdade apresentada é: professores e pesquisadores precisamos estudar mais, debater com profundidade e conceituar com segurança o papel da avaliação no processo da aprendizagem.” (MORETTO, 2007, p. 85).

Hoje nas escolas presencia-se por parte dos alunos o medo, trauma da avaliação, pois no dia a dia em sala de aula a avaliação é usada como controlador do processo educativo; isso se percebe nas sentenças usadas como “Anotem, pois vai cair na prova”, “Prestem atenção nesse assunto, porque semana que vem tem prova”, “Se não ficarem calados, vou fazer uma prova surpresa”. Estas e outras equivalentes são indicadores de que a avaliação é utilizada como um instrumento de controle e ameaça perante os alunos.

[...] professores por não saberem como transformá-la num processo que não seja uma mera cobrança de conteúdos aprendidos “de cor”, de forma mecânica e sem muito significado para o aluno. Angústia por parte dos professores, por ter que usar um instrumento tão valioso no processo educativo, como recurso de repressão, como meio de garantir que uma aula seja levada a termo com certo grau de interesse (MORETTO, 2007, p. 85).

Identifica-se que no dia a dia da escola, professores parecem não estar preocupados com seu próprio envolvimento na sociedade e com a função do educador, pois desenvolvem aquilo que “sempre foi feito”, preocupados apenas em técnicas a serem desenvolvidas, na quantidade e não na qualidade ao final do processo. Assim, “[...] entendemos que o grande entrave da avaliação é o seu uso como instrumento de controle, de inculcação ideológica e de discriminação social.” (VASCONCELLOS, 1998).

A partir dos apontamentos supracitados, destaca-se que a avaliação está diretamente ligada à nota. Para tanto, quer-se lembrar a você leitor e/ou educador, que avaliação não é somente realizada em um único momento, avaliar é um processo contínuo, então se deve avaliar desde o princípio para que professor e aluno identifiquem que isso favorece a aprendizagem e o desenvolvimento humano.

A avaliação deve ser contínua para que possa cumprir sua função de auxílio ao processo de ensino-aprendizagem. A avaliação que importa é aquela que é feita no processo, quando o professor pode estar acompanhando a construção do conhecimento pelo educando; avaliar na hora que precisa ser avaliado, para ajudar o aluno a construir o seu conhecimento, verificando os vários estágios do desenvolvimento dos alunos e não julgando-os apenas num determinado momento. Avaliar o processo e não apenas o produto, ou melhor, avaliar o produto no processo (VASCONCELLOS, 1998, p. 58).

Quando se refere a professor avaliar aluno, deve-se sempre lembrar que aquele também deve avaliar seus planejamentos e a metodologia adotada em sala de aula, pois se o aluno não atinge os objetivos traçados pelo professor, cabe ao professor se perguntar se agiu da melhor maneira possível. Desse modo, afirma-se que avaliar abrange um grande campo na área da educação, assim, deve-se fazer uma reflexão crítica sobre as dificuldades apresentadas pelo aluno.

Avaliação é um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos (VASCONCELLOS, 1998, p. 44).

Considerando a avaliação como um todo, não somente na sala de aula mas também no contexto escolar, familiar e social, destaca-se assim que a escola também passa por avaliações, internas ou externas. As avaliações externas são o ENEM, Prova Brasil, SAEB e Provinha Brasil. Estes tipos de avaliação citadas anteriormente têm por objetivo avaliar o aprendizado do aluno de acordo com o nível que este se encontra, o ENEM avalia alunos do ensino médio, a Prova Brasil tem por objetivo avaliar o nível de aprendizado de alunos do quarto ano do ensino fundamental, o SAEB é um sistema nacional que avalia a educação básica e a Provinha Brasil avalia a alfabetização dos alunos do segundo ano do ensino fundamental.

Entre os diferentes instrumentos de avaliação utilizadas pelo MEC, destaca-se a Provinha Brasil, objeto de estudo deste trabalho a fim de identificar quais objetivos, sua importância, para que servem, suas finalidades e quem as elabora.

A Provinha Brasil é uma avaliação diagnóstica do nível de alfabetização das crianças matriculadas no segundo ano de escolarização das escolas públicas brasileiras. Esta avaliação acontece em

duas etapas, uma no início e outra ao término do ano letivo. A aplicação é em períodos distintos que possibilita aos professores e gestores educacionais a realização de um diagnóstico mais preciso o qual permite conhecer o que foi agregado na aprendizagem das crianças, em termos de habilidades de leitura dentro do período avaliado.

Enquanto objeto com possibilidades diagnósticas, vinculado ao processo de ensino e de aprendizagem, precisamos elaborar um projeto de avaliação que, em primeira instância, e através dos instrumentos nele instituídos, possa servir a todo instante como feedback para avaliar não só o aluno, seu conhecimento, mas também toda uma proposta de escola, possibilitando, assim, validar e/ou rever o trabalho pedagógico, a cada momento em que isto se fizer necessário (RABELO, 1998, p. 12).

A Provinha Brasil é um instrumento pedagógico, sem finalidades classificatórias, que fornecem informações sobre o processo de alfabetização aos professores e gestores das redes de ensino. Segundo o MEC, os objetivos são:

- 1º- Avaliar o nível de alfabetização dos alunos/turma nos anos iniciais do ensino fundamental; 2º- Diagnosticar possíveis insuficiências das habilidades de leitura e escrita. Esses objetivos possibilitam, entre outras ações:
- Estabelecimento de metas pedagógicas para a rede de ensino;
 - Planejamento de recursos de formação continuada para os professores;
 - Investimento em medidas que garantam melhor aprendizado;
 - Desenvolvimento das ações imediatas para a correção de possíveis distorções verificadas;
 - Melhoria da qualidade e redução da desigualdade de ensino.

Nota-se que o delineamento e a construção dessa avaliação preveem a utilização dos resultados obtidos nas intervenções pedagógicas e gerenciais com vistas à melhoria da qualidade da alfabetização. A partir das informações obtidas pela avaliação, os gestores e professores têm condições de intervir de forma mais eficaz no processo de alfabetização aumentando as chances de que todas as crianças, até os oito anos, saibam ler e escrever. Considerando a Provinha Brasil como um instrumento que permite diagnosticar a alfabetização do segundo ano do ensino fundamental, é muito importante aqui destacar quem a elabora, segundo Brasil, 2010:

Tanto para elaboração da Matriz de Referência quanto dos itens de prova houve a colaboração de técnicos do Inep e de diversos Centros de Estudos em Alfabetização e Letramento que fazem parte da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores:

- Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais (Ceale);
- Centro de Formação Continuada de Professores da Universidade de Brasília (Ceform);
- Centro de Formação Continuada, Desenvolvimento de Tecnologias e Prestação de Serviços para as Redes Públicas de Ensino da Universidade Federal de Ponta Grossa (Cefortec);
- Centro de Estudos em Educação e Linguagem da Universidade Federal de Pernambuco (Ceel);
- Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (Caed).

Tendo o conhecimento dos objetivos da Provinha Brasil e sabendo quem a elabora, ressalta-se que esta tem por finalidade identificar o nível de alfabetização no qual os alunos se encontram. Cabe ressaltar, ainda, que a interpretação das respostas dos alunos não pode ser feita a partir do erro ou do acerto a uma questão isolada. O acerto ou o erro a uma única questão é definido por uma série de fatores circunstanciais. Dessa forma, apenas um conjunto de acertos pode garantir uma descrição segura do desempenho do aluno (Brasil, 2010).

Diante disso, espera-se que professores e gestores considerem a interpretação dos resultados, estes podem ser feitos pelas próprias redes, pois sua metodologia de aplicação permite uma leitura e interpretação dos resultados pelo corpo docente.

Os resultados da Provinha Brasil não são utilizados diretamente na composição do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – Ideb. O desejável é que ela seja utilizada com o intuito de orientar as ações políticas e pedagógicas que poderão, em conjunto com outras iniciativas, melhorar as práticas pedagógicas e, conseqüentemente, o Ideb de estados e municípios a médio e longo prazos (BRASIL, 2010).

Dessa forma, compreende-se que a Provinha Brasil é um instrumento que propiciará o redimensionamento da prática pedagógica do professor, possibilitando que este alcance níveis satisfatórios de alfabetização e letramento. Assim, busca-se verificar nas escolas da Rede Pública Estadual e Municipal do município de Xanxerê o trabalho de professores e gestores em relação à Provinha Brasil.

2 ANÁLISE DOS DADOS

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, o material coletado foi preparado e os dados submetidos ao processo de análise, que consistiu em reler cuidadosamente todos os materiais com a finalidade de identificar se a Provinha Brasil auxilia no processo de ensino e aprendizagem, se a iniciativa do MEC é válida, como ocorre a divulgação dos resultados, se professores, gestores e responsáveis pela Secretaria de Educação Estadual e Municipal conhecem os objetivos e as finalidades, bem como se há alteração no planejamento escolar.

Em 10 entrevistas desenvolvidas, apenas uma não estava respondida, assim, pode-se destacar que em relação aos objetivos, finalidades da Provinha Brasil, todos são conhecedores destes. Destacam que este é o período ideal para avaliar a alfabetização, pois *“ainda tem tempo de corrigir os erros”*.

Aqui se chama a atenção de você leitor e/ou professor, quando se fala em “erro”, refere-se ao professor, pois se este tem capacidade de reconhecer o seu “erro” no desenvolvimento das aulas e na sua prática de ensino, com certeza irá compreender o “erro” do aluno.

[...] Saber trabalhar com seus próprios erros é, portanto, condição para saber trabalhar com os erros dos alunos, entendendo-os não com “crime”, mas como hipóteses de construção do conhecimento. A correção enérgica do erro, desempenha um preciso papel social: a introjeção do medo, da culpa, da indignidade (VASCONCELLOS, 1998, p. 74).

Sabe-se que o erro faz parte da aprendizagem, à medida que expressa uma hipótese de construção do conhecimento, pois considera-se que este é um em que caminho que tanto o professor quanto o aluno buscam obter suas respostas em relação ao aprendizado.

Seria importante destacar que precisamos superar a visão tradicional do erro, e não simplesmente ir para o pólo oposto: começar achar o erro uma coisa formidável e deixar o aluno lá... numa perspectiva transformadora, o que se propõe é que o erro seja trabalhado como uma privilegiada oportunidade de interação entre o educando e o professor, ou entre os próprios educandos, de modo a superar suas hipóteses, em direção a outras mais complexas e abrangentes (VASCONCELLOS, 1998, p. 76).

Ressalta-se a você caro leitor e/ou professor que somos todos humanos e sujeitos de errar, portanto o erro não pode ser simplesmente visto com uma “passada de olhos”. A partir dele temos condição de voltar,

refazer, reconstruir o planejamento e acertar, a partir de então é considerado que o erro também é construir o conhecimento, pois segundo Vasconcellos (1998), “[...] os bons e os maus alunos são inteiramente fabricados pelos professores.” Entende-se que, se o professor não busca outras alternativas, uma vez que não deu certo as que possui, conseqüentemente o aluno também não desenvolve suas capacidades.

Quando os entrevistados falam sobre o auxílio da Provinha Brasil no processo de ensino e aprendizagem, nota-se que para a maioria ela auxilia e muito, pois por meio da dela “podemos diagnosticar cada aluno e a turma identificando as dificuldades e as capacidades de leitura e escrita”, bem como intervir nas ações pedagógicas e pensar em projetos que possam vir a melhorar o processo de ensino e aprendizagem.

Ao falar da iniciativa do MEC em relação à Provinha Brasil, identificou-se que há contradições, pois a maioria dos professores entrevistados destacam que não concorda, apontando que os resultados são jogados nos estatísticos da educação básica e não consideram a evasão escolar, e o objetivo da Provinha Brasil é avaliar o professor e não o aluno. Volta-se a lembrar que a Provinha Brasil não tem fins classificatórios, apenas avalia, diagnostica sobre a alfabetização de alunos do segundo ano do ensino fundamental.

Portanto, sinaliza-se que a maioria dos professores entrevistados não está sabendo dessa informação, e a minoria valoriza a iniciativa do MEC, pois, “por meio dele podemos qualificar o ensino no país”.

Sobre a divulgação dos resultados e do conhecimento por parte dos pais, as respostas foram surpreendentes, pois em alguns casos os resultados não são divulgados aos familiares e no ambiente escolar, apenas na sala dos professores; os pais não são informados pela escola sobre a realização da Provinha Brasil. Na outra hipótese, os resultados são divulgados em cartazes na escola, porém não são avaliados e os pais são informados em reuniões ou por meio de recado na agenda do aluno. Em uma última resposta sobre os resultados da Provinha Brasil e à informação aos pais, destacaram que os resultados são distribuídos em todo o ambiente escolar e é feita uma análise dos resultados, verificando as maiores dificuldades apontadas pelo aluno para então reconstituir o planejamento e a didática usada em sala de aula; os pais são avisados antes da realização da prova e também após o resultado dela.

Isso se faz presente quando o entrevistado destaca que “no início do ano letivo os conteúdos, temas a serem desenvolvidos já são planejados, mas que em algumas vezes não estão de acordo com o grupo de alunos, e através da Provinha Brasil nós podemos perceber a necessidade de re-elaborar nosso planejamento, pois quando as dificuldades são no geral é porque tem a ver com a didática adotada pelo professor. E como temos esse poder de mudar, nós aqui na escola pensamos que os pais devem ser avisados dos resultados e das possíveis mudanças do planejamento”.

Nos apontamentos supracitados realizados por gestores e professores do segundo ano do ensino fundamental, percebeu-se que o trabalho desenvolvido nessas escolas objetiva o trabalho em equipe, e que se o resultado for negativo a culpa não é apenas do professor, mas também de toda a equipe pedagógica, ambos estão preocupados com o processo de ensino e aprendizagem.

Quando o assunto é planejamento, a maioria respondeu que é necessário, a partir dos resultados, da Provinha Brasil, rever e reconstruir o planejamento, pois este é flexível e deve ter por objetivo a alfabetização da criança.

3 CONCLUSÃO

Lembrando da preocupação inicial deste artigo, como a Provinha Brasil é compreendida pelos docentes das escolas e qual sua importância no processo educativo? Destaca-se que em sua maioria, professores, gestores e responsáveis pela Secretaria da Educação Municipal e Estadual compreendem que a Provinha Brasil é um instrumento valioso para identificar de forma sistemática as dificuldades de seus alunos, é um instrumento que possibilita reorientar o que ensinar e como ensinar.

A Provinha Brasil tem forte influência no processo educativo, pois possibilita acertar os “erros” desde o princípio da alfabetização, fazendo com que a criança se desenvolva de forma natural e interiorize o apreendido para o seu desenvolvimento intelectual, emocional e social.

Considerando as contribuições que a avaliação pode trazer para a organização do trabalho docente, vale repetir que professores e gestores, com base nos resultados da avaliação, devem refletir sobre a prática pedagógica desenvolvida na escola. O objetivo de tal reflexão é o de redefinir o planejamento de ensino e aprendizagem, modificando, especificando e aprimorando. Isso significa ponderar que os resultados da Provinha Brasil podem redimensionar objetivos e metas do trabalho pedagógico que será desenvolvido nos anos iniciais do ensino fundamental.

Assim, entende-se que essa nova ferramenta utilizada pelo MEC, a Provinha Brasil, contribui para a realização de um diagnóstico da aprendizagem dos alunos, e o educador assume papel de mediador pois tem uma postura investigativa, sendo este um elemento importante na avaliação, assim transforma a dificuldade em fonte de informação sobre o que a criança pensa a respeito da escrita ou o que ela acha que a escrita representa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Provinha Brasil. Disponível em: <<http://provinhabrasil.inep.gov.br/>>. Acesso em: nov. 2010.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova**: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. 7. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

RABELO, Edmar Henrique. **Avaliação**: novos tempos, novas práticas. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 7. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação**: concepção dialético-libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Libertad, 1998.